

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

Paulo Alexandre de Mello

**G.R.E.S. QUILOMBO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DE
RESISTÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE AFRO-BRASILEIRA NO
CARNAVAL PAULISTANO**

São Paulo

2022

Paulo Alexandre de Mello

**G.R.E.S. QUILOMBO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DE
RESISTÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE AFRO-BRASILEIRA NO
CARNAVAL PAULISTANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

Orientador: **Prof. Dr. Silas Nogueira**

São Paulo

2022

G.R.E.S. QUILOMBO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DE RESISTÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE AFRO-BRASILEIRA NO CARNAVAL PAULISTANO¹

Paulo Alexandre de Mello²

Resumo: Este trabalho pretende discutir a representatividade da Escola de Samba Quilombo no carnaval paulistano, agremiação paulistana fundada há 15 anos. A escola mantém, em todos os seus enredos, exaltação à cultura afro-brasileira a partir de homenagens ou narrando o processo de resistências do povo negro na história do Brasil. Esta resistência, presente na história não apenas dos enredos, mas em todo o dia a dia da agremiação, é o objeto central deste texto, que foi construído a partir de entrevistas e acesso aos enredos da escola bem como de uma literatura específica. Para finalizar, de forma mais concreta e pormenorizada, será realizada a análise de seu enredo do ano de 2019.

Palavras-chave: quilombo; carnaval; resistência; cultura negra; Candeia; escola de samba.

Abstract: This paper aims to discuss the representativity of the Quilombo Samba School in São Paulo carnival from the history, a São Paulo school founded 15 years ago. The school maintains in all its plots, exaltation to the Afro-Brazilian culture from tributes or narrating process of resistance of the black people in the history of Brazil. This resistance present in the history not only of the plots, but throughout the day to day of the association, is the central object of this text, which was built from interviews and access to the school's storylines as well as specific literature, which will bring in a more concrete and detailed way, to finalize, the analysis of its plot of the year 2019.

Key words: quilombo; carnival; resistance; black culture; Candeia; samba school.

1 INTRODUÇÃO

É a partir da perspectiva de lugar de resistência, de refúgio diante das dificuldades e contradições de uma sociedade desigual e mesmo violenta, que a Grêmio Recreativo Educacional Social (G.R.E.S.) Quilombo é temática desta pesquisa.

Narrar a história da G.R.E.S. Quilombo³ é, ao mesmo tempo, voltar à história dos quilombos existentes no Brasil datados a partir do final do século XVI, sinônimos de lugar de

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

² Pós-graduando em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

³ As letras que antecedem os nomes das escolas de samba geralmente significam Grêmio Recreativo Escola de Samba, entretanto na Quilombo o nome que consta no estatuto é diferente exatamente por uma questão cultural, que segundo um dos fundadores Thiago Praxedes em entrevista dada ao autor “a função da Quilombo não é ser comercial, mas sim cultural e preocupada com o social”, ainda que popularmente seja chamada de Escola de Samba Quilombo.

resistência e enfrentamento, e voltar à década de 1970, quando Candeia⁴ criou uma escola de samba de nome Quilombo⁵, no Rio de Janeiro, para abrigar os sambistas mais tradicionais que estavam descontentes com os rumos que o carnaval carioca tomava. Esta iniciativa do tradicional sambista se deu devido ao embranquecimento das lideranças do carnaval carioca e pelo apelo comercial, mercadológico e turístico que tomava suas quadras. Sobre isto, Candeia já alertava, conforme descrito em seu livro “A árvore que esqueceu a raiz”. Diz:

[...] com a crescente importância dos estudos superiores e as resultantes pressões exercidas diante da valorização e popularidade das Escolas de Samba, vêm fazendo concessões aos valores acadêmicos e relegando a um segundo plano a força da cultura afro-brasileira com toda sua potencialidade (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 68-69).

A importância da escola criada por Candeia nesta abordagem se faz fundamental para compreender o contexto do surgimento da Quilombo de São Paulo, a partir de um recorte de resistência e militância negra no mundo do samba, mais especificamente das escolas de samba, uma vez que com a chegada dos “brancos da elite” aos “terreiros” da escola de samba (chamados popularmente de quadras) acabam por mudar a dinâmica das escolas de samba e os movimentos que nela existem, uma vez que, com esta influência, as escolas passaram a atuar como empresas e visam atender aos desejos do mercado, como se destaca:

A decisão tomada pelo presidente da Portela, Carlinhos Maracanã, de abrir a sua quadra aos bailes soul foi sem dúvida a gota d’água para Candeia, na sua insatisfação crescente com o rumo que a administração da escola já seguia. [...] O impulso para a decisão de criar o G. R. A. N. E. S. Quilombo⁶ era a necessidade urgente, na ótica de Candeia, Paulinho da Viola, Monarco (Hildemar Diniz), Wilson Moreira e Elton Medeiros, de uma alternativa àquilo que as principais associações camavalescas cariocas – e sobretudo a escola de samba do próprio Candeia, a Portela – já se tinham tomado até meados dos anos 1970: ou seja, empresas culturais... (TREECE, 2018, p. 170-171).

Reforça-se que ao abrir a quadra para os bailes “soul”, a Portela mantinha a representatividade negra em suas festas, além de se adequar ao sistema capitalista que influenciou esta abertura para novas manifestações em seus ambientes, possivelmente visando uma diversidade maior de público e conseqüentemente aumento de receitas.

Pretende-se narrar a história da escola, também, mediante a apresentação de seus enredos, um total de 15, produzidos entre 2008 e 2022, com referências à cultura afro-brasileira. Entretanto, foi selecionado o enredo de 2019 “A senzala continua – 130 anos depois (o dia

⁴ Antonio Candeia Filho (1935 - 1978), compositor, cantor e instrumentista, um dos maiores nomes do carnaval carioca e da Escola de Samba Portela.

⁵ Segundo o Dicionário da História Social do Samba, o nome Quilombo foi “assim denominado em alusão ao termo de origem banta que designava o reduto de fugitivos da escravidão e foi criado, segundo seus estatutos, entre outras coisas, para a valorização da ‘arte popular, banida das escolas de samba” (LOPES; SIMAS, 2021, p. 233).

⁶ Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo.

seguinte)”, para ilustrar o processo criativo da agremiação (como também são conhecidas as escolas de samba) no que diz respeito à resistência e representatividade negra no carnaval paulistano.

Não se busca, neste texto, esgotar o assunto, entretanto, espera-se contribuir para a historiografia do carnaval paulistano, portanto, compreender como aconteceu o processo do surgimento das escolas de samba é importante para entender o processo histórico destas entidades e a participação da G.R.E.S. Quilombo neste processo nos últimos quinze anos.

Para desenvolver uma reflexão sobre a proposta da G.R.E.S. Quilombo e s dentro do carnaval paulistano, bebi de fontes importantes que compartilho no decorrer deste artigo, fazendo com que o leitor sinta-se acolhido ao ler o texto a partir das referências teóricas. Foi de grande importância a escolha do enredo de 2019, que narro a partir da história do mestre sala da escola à época Marcelo Dias, onde trago neste tópico trecho da proposta da escola para o samba e o desfile, traçando um paralelo com a “abolição”. Nos anexos apresento a letra do samba do enredo analisado e a logomarca da escola para melhor identificação visual do contexto apresentado.

2 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

Os autores que já escreveram sobre a cultura negra, cultura popular e carnaval foram fundamentais para a execução deste texto. Sobre o papel do carnaval e da escola de samba, no contexto social brasileiro, e o papel do negro e da cultura afro-brasileira, dentro da “festa de momo” – no caso nos desfiles das escolas de samba –, o texto de Candeia e Isnard (1978) “A árvore que esqueceu a raiz” apresenta a importância da escola de samba na cultura afro-brasileira. Os autores trazem uma visão crítica e, ao mesmo tempo, saudosista sobre o autêntico samba carioca, suas deformidades em decorrência da apropriação branca e da classe média no dia a dia das escolas de samba, além de indicar que a solução para o problema apresentado é o resgate das tradições negras. Já o autor, professor e pesquisador, Muniz Sodré, em *A verdade seduzida* (1983), busca apresentar o processo da criação da “cultura brasileira” numa perspectiva não eurocêntrica, considerando também o carnaval negro como ritual:

O carnaval brasileiro, em seus inícios, fazia apoiar as suas brincadeiras e sátiras na regra que prescrevia o retorno às relações comunitárias, perturbadas pelo crescimento e pela vida confusa das cidades. As associações ou sociedades camavalescas criavam, além disso, oportunidades de um relacionamento mais estreito entre os seus membros. Posteriormente, os temas sociais das canções camavalescas ensejavam a crítica dos desmandos administrativos, políticos etc. [...] A progressiva ocupação do carnaval por seguimentos da população negra urbana se deve às possibilidades de ritualização oferecidas por aquela festa. Através dela, os negros “tomaram a palavra”, não para dizer verdades (invertidas ou não), mas para exibir a persistência do segredo (através do ritmo, dos cantos, das danças), para acenar

com a regra negra do jogo, que implica no controle simbólico do universo, para encantar, em suma (SODRÉ, 1983, p. 174, grifos do autor).

E, especificamente relacionado do Carnaval Negro, Sodré ressalta o jogo, que também é político, de desafio ao poder estabelecido, um desafio que se dá igualmente pelo encanto, pela explicitação do “prazer da festa”. A “sociedade global” e as verdades que se pretendem absolutas são desafiadas a “jogar”:

Ao invés da liberação (desrecalcamento) ilimitada de consciências reprimidas, o carnaval negro é uma ritualização, onde a alegria é apenas uma das componentes do processo, submetida a limites, a codificações, a organizações. [...] No carnaval negro, uma outra regra desafia a sociedade global a existir, a responder, a jogar e deste modo a encanta [...]. O júbilo carnavalesco, o prazer da festa, não precisam da hipótese da “liberação”, porque advêm da experiência instantânea, singular, de se exterminar, no jogo, a verdade da lei que se quer absoluta; advêm da abolição do sentido (SODRÉ, 1983, p. 174, grifos do autor).

Em “Samba, o dono do corpo”, Sodré faz uma análise da história do samba, considerando o processo midiático (através do rádio, principalmente), da profissionalização, embranquecimento do ritmo e, claro, das resistências de alguns compositores, o autor narra ainda o surgimento da palavra escola de samba, que, segundo ele, “abandonava as características (mais negras) dos cordões em favor de significações mais integradas na sociedade branca” (SODRÉ, 1998, p.36):

O aparecimento da palavra escola é o sintoma de uma mutação ideológica: o rancho-escola abandonava as características (mais negras) dos cordões em favor de significações mais integradas na sociedade branca. A partir dos ranchos-escolas, surgiram, de 1923 em diante, as escolas de samba (no começo, apenas blocos), mantendo grande parte das antigas características (passeata, porta-bandeira, mestre-sala, orquestra etc.), mas também o “direito” de penetração do espaço urbano (SODRÉ, 1998, p. 36-37, grifos do autor).

Destaca-se, também, o surgimento das escolas de samba de São Paulo, algumas centenárias, se considerarmos suas raízes, que vão contribuir para difundir a cultura afro-brasileira na cidade a partir das manifestações inicialmente nas festas religiosas feitas pelos negros, seguidas de cordões carnavalescos até o surgimento das chamadas escolas de samba, que seriam impactadas em sua estrutura a partir de 1968, quando o carnaval de escola de samba foi oficializado na cidade pela prefeitura. Segundo Emerson Porto Ferreira (2019, p. 66):

Em 1914, essa realidade do Carnaval popular, ou Pequeno Carnaval, ou ainda Carnaval Preto, muda com o surgimento do primeiro cordão camavalesco. [...] os negros já conseguiam realizar de maneira espontânea, nas festas religiosas e na festa de Bom Jesus de Pirapora, seus batuques. É nesse processo de vivências, permanências e mutações que surge o cordão Barra Funda, que, ao longo do tempo, iria se tornar o Camisa Verde e Branco. [...] A primeira escola de samba da cidade surge, de fato, na região da Baixada do Glicério. Enquanto o Rio de Janeiro já tinha uma quantidade grande de escolas de samba na

década de 1930, somente em 1937 nasce uma em São Paulo. A Lavapés, agremiação [...] ainda em atividade, foi fundada por uma mulher negra, assumidamente da quimbanda e que tinha em suas mãos praticamente toda a estrutura da escola⁸.

⁸ A fundadora chamava-se Deolinda Madre, mais conhecida por Madrinha Eunice (CUÍCA; DOMINGUES, 2009).

Para Osvaldinho da Cuíca⁹, grande sambista, instrumentista, compositor e pesquisador, os cordões não são os embriões das escolas de samba, em que um não existiria sem o outro. Para ele, isto é um equívoco histórico:

Uma ficção comum no imaginário popular – e, até, em artigos de estudiosos – é a de que os cordões paulistanos do início do século fossem grupos grandes e bem organizados na sua apresentação (fantasias, danças e alegorias) ou na sua música. Na realidade, porém, não passavam de pequenas turmas de familiares, vizinhos e amigos que saíam às ruas com figurinos simples, feitos em casa, e com formação musical muito reduzida e improvisada. [...] Outro equívoco frequente é tratar os cordões como meros embriões das escolas de samba, esquecendo que tiveram uma organização própria, original e autossuficiente por muitas décadas (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 44).

Considerando que a G.R.E.S. Quilombo da pesquisa, surge inspirada pela Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba (G.R.A.N.E.S.) Quilombo de Candeia, o artigo de David Treece, intitulado “Candeia, o projeto Quilombo e a militância antirracista nos anos 1970”, se faz de fundamental importância para entender, a partir das pesquisas e estudos feitos pelo autor, como a escola de Candeia, em plena ditadura militar, tinha uma visão progressista de resistência, colocando como foco central as tradições negras. Para a ex-presidente da Quilombo de São Paulo, Angélica Mazzi, “a escola tem uma militância também presente em seu dia a dia, desde as rodas de samba que acontecem aos sábados até o desfile de carnaval, onde para ela, o samba-enredo, criado a partir da sinopse do enredo é uma música de protesto antirracista”¹⁰.

Na concepção de Ferreira (2019), em seu estudo “Sou da Negritude o Fruto e a Raiz: Os Sambas Afro-Brasileiros da Nenê de Vila Matilde”, o processo de criação dos enredos e dos sambas-enredos com temáticas afros desta tradicional escola paulistana, a Nenê, tem forte ligação com a história do Brasil numa perspectiva decolonial.

A análise aqui desenvolvida foi feita a partir da cultura negra no carnaval da Quilombo através dos recursos da história oral. O recurso metodológico e técnico utilizado na pesquisa foi o de entrevistas parcialmente estruturadas (GIL, 1991), com o fundador e ex-presidente Thiago Praxedes e da ex-presidente Angélica Mazzi. A história oral ofereceu recursos que qualificam a oralidade, tão presente na cultura dematriz africana, assim:

Na história oral existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular, isto é, são resultado de um diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo, o que leva o

⁹ Seu nome de batismo é Osvaldo Barro.

¹⁰ Entrevista dada ao pesquisador em 03/06/2022.

historiador a afastar-se de interpretações fundadas em um rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa e a buscar caminhos alternativos de interpretações; a pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos na entrevista, que são legitimadas como fontes [...], incorporando, assim, elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos -, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano (CARDOSO; VAINHAS, 2012, p. 171).

Buscou-se compreender, a partir das entrevistas, o processo de escolha do enredo desenvolvido e como ele está inserido nos princípios da escola, fortalecendo, em sua narrativa carnavalesca, a exaltação à cultura negra e o processo de resistência que se pretende construir, contra um discurso hegemônico:

Conhecimento, culturas, saberes e práticas não estão, em nenhum momento, desassociados das lutas por emancipações. As trajetórias dos povos indígenas e negros do Brasil e na América Latina explicitam essa unidade muitas vezes ignoradas ou sufocada pelos saberes hegemônicos (NOGUEIRA; SOUZA MARIA, 2021, p. 152).

3 G.R.E.S. QUILOMBO – UMA HISTÓRIA DE RESPEITO À CULTURA NEGRA

Fundada em 07/07/2007, com as cores verde e branco em que faz uma homenagem à sua madrinha, a escola de samba carioca Império Serrano, tendo em seu pavilhão¹¹ uma coroa que representa a realeza africana, a G.R.E.S. Quilombo, tem por princípios não se render às investidas da mídia e do capital, desfilando fora do circuito dos grandes desfiles do carnaval paulistano. Orgulha-se de ser reconhecida como um local de resistência negra no carnaval de São Paulo. Este sentimento também se faz presente neste pesquisador, onde o próprio integra o grupo de componentes da escola desde 2016, desta experiência empírica, os conhecimentos acerca da escola contribuíram para esta análise.

A escola foi fundada por componentes de outras escolas (também chamadas de co-irmãs), entretanto, nenhuma forneceu mais componentes que a escola de samba Barroca Zona Sul¹², uma vez que o Thiago Praxedes, era o mestre de bateria da escola desde 2005 e por divergências com a nova diretoria da Barroca, decidiu sair, e com ele a maioria dos ritmistas. Assim como Candeia, o mestre Thiago não estava contente que as quadras das escolas de samba

¹¹ Pavilhão/Bandeira é o símbolo maior de qualquer escola de samba, nele está inserido o nome da escola, as cores e o ano de fundação.

¹² Componentes de outras escolas como Vai-Vai, Nenê de Vila Matilde e Camisa Verde e Branco também participaram da fundação.

fossem usadas para outros fins que não carnavalescos ou de samba, para ambos há um desmerecimento quanto a história do samba e do carnaval as escolas tomarem tal atitude:

Essas divergências entre grupos de sambistas vai depender da formação cultural, das influências dos valores somados, dos interesses econômico-sociais e da importância atribuída às várias atividades que se processam dentro e fora da Escola (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 68).

As primeiras reuniões entre os amigos que viriam a ser fundadores da escola se davam nas casas deles, João Sampaio, João Paulo e André Machado, e num destes encontros surgiu a ideia de formar uma escola de samba, o nome Quilombo, sugerido por Thiago foi aceito com unanimidade, uma vez que ele já tinha planejado que se um dia criasse uma escola, chamaria Quilombo em homenagem a Quilombo do Candeia, pois ele já tinha lido a respeito.

A escola tinha como data inicial 13 de maio de 2007, mas não deu certo por questões burocráticas, então, buscou-se uma outra data, porém, esta data tinha que ser emblemática, e chegou-se ao 07/07/07, para Praxedes “estava predestinada a data”. Escolhidos o nome e a data, começou outra dúvida, quais seriam as cores da escola, chegando às cores Branco e Verde. Segundo relatos, no dia da fundação havia mais ou menos 40 pessoas e faltaram outras 30, totalizando um grupo de aproximadamente 70 pessoas, realizando um projeto de resistência negra no carnaval paulistano. Um dos pontos mais curiosos é que, apesar de ser uma escola de samba, no estatuto consta Grêmio Recreativo Educacional Social (conforme mencionado), a explicação é que já na época de sua fundação as pessoas não associavam cultura a escola de samba como algo único, e o próprio dirigente a tratava como um negócio.

Os encontros citados continuaram, eles eram regados a discos de vinil de sambas tradicionais. Em 07 de Outubro de 2007 realizam a primeira festa, quando foi apresentado o pavilhão da escola, a bateria e todo o grupo responsável pela escola (diretoria), grandes nomes do samba e do carnaval paulistano foram convidados. A festa contou, em média, com 1500 pessoas. Após sua primeira aparição oficial, a escola foi convidada para tocar na Feira Preta¹³ e na Marcha da Consciência Negra de 2007¹⁴.

Apesar da visibilidade, a escola desde o começo definiu que não desfilaria pelas ligas oficiais de escolas de samba (UESP e LIGA SP)¹⁵, uma vez que ao entrar nestas ligas, teria que

¹³ Festival Feira Preta, existe há 19 anos e é considerado o maior evento de cultura negra da América Latina.

¹⁴ Em 2021 aconteceu a 18ª Marcha, que acontece sempre na data de 20 de novembro, em comemoração à Zumbi, líder do Quilombo de Palmares (Séculos XVI e XVII) que é comemorada há 50 anos no país, entretanto a data foi sancionada em lei apenas em 2011.

¹⁵ União das Escolas de Samba de São Paulo (UESP), que realiza os desfiles das escolas e blocos especiais nos bairros e LIGA SP – Liga das Escolas de Samba de São Paulo, que realiza os desfiles dos Grupos 2, 1 e Especial no Sambódromo do Anhembi.

fazer parte de um carnaval mercantilizado o que não está alinhado aos princípios da escola desde sua fundação.

O primeiro desfile da escola aconteceria no evento chamado Pholia SP¹⁶ em 2008, na Barra Funda, com o enredo “Epopéia de Zumbi” de autoria de Nei Lopes, que abordava a construção de Palmares através dos anos e suas particularidades na organização, economia, agricultura e cultura ali presentes. A partir deste desfile, a Quilombo ganha São Paulo, mesmo não estando nos holofotes, na mídia ou na mira de grandes patrocinadores. Seus ensaios (que passaram por vários lugares nestes 15 anos) sempre lotaram e seus desfiles (o Pholia SP viria a se tornar Pholia na Luz onde ela passaria a desfilar, e atualmente chama-se apenas Pholia) foram sempre impactantes, tudo feito de forma simples, mas com uma apresentação digna de grandes elogios.

Os enredos seguiram exaltando personalidades negras como aquele que deu inspiração ao nome da escola. Em 2009, narrou a história de Candeia no enredo “Zumbi-Candeia, o sonho não acabou, a chama não se apagou. Neste enredo, a escola não apresentou somente o Candeia sambista, mas também o militante que lutou pelo samba tradicional, pela escola de samba como reduto de resistência negra e pela comunidade afrodescendente. Considerando que a G.R.A.N.E.S. Quilombo, fundada por Candeia, era algo muito mais amplo que uma escola de samba, destaca-se seus objetivos centrais:

1. Lutar pela preservação das tradições fundamentais sem as quais não se pode desenvolver qualquer atividade criativa popular.
2. Afastar elementos inescrupulosos que, em nome do desenvolvimento intelectual, apropriam-se de heranças alheias, deturpando a pura expressão das escolas de samba, e as transformam em rentáveis peças folclóricas.
3. Desenvolver um centro de pesquisas de arte negra, enfatizando sua contribuição à formação da cultura brasileira (TREECE, 2018, p. 172).

Grande defensor da cultura de matriz africana e popular, Candeia é enfático ao afirmar que as escolas de samba deveriam ser geridas pelo povo:

Deixar a manifestação popular realmente entregue ao povo (sambistas); [...] Estabelecendo-se aí uma distinção entre os verdadeiros sambistas e os profissionais (faturamento fabuloso); Distinção entre Escola “Show” e Escola Cultura Popular; [...] (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 70, grifos dos autores).

Em seu terceiro desfile, em 2010, a G.R.E.S. Quilombo homenageou um dos maiores baluartes¹⁷ vivos do carnaval paulistano, Seu Carlão do Peruche, fundador da escola de samba

¹⁶ Evento de pré-carnaval da cidade de São Paulo.

¹⁷ O termo acabou se incorporando ao universo das escolas para designar aquele indivíduo, geralmente veterano, que se destaca como grande defensor dos valores de sua agremiação e das tradições do samba, não medindo esforços nem sacrifícios”. (LOPES; SIMAS, 2021, p. 31).

Unidos do Peruche, com o título “Chegou a Filial do Samba... Seu Carlão do Peruche”. Seguindo às homenagens, em 2011 foi a vez de homenagear um dos grandes nomes da escola de samba Império Serrano, madrinha da Quilombo, “Roberto Ribeiro, 15 anos de saudade”. No ano seguinte, 2012, foi apresentado um dos temas mais representativos, com o título “Quilombos, a saga de uma raça”, a proposta era apresentar as civilizações africanas antes da expansão marítima comercial no século XVI que resultou no colonialismo europeu em África, entretanto, por questões internas, a escola não pode se apresentar no desfile de carnaval.

Voltaria em 2013 com um enredo em homenagem aos seus 7 anos, “Quilombo é aroeira, enverga, mas não quebra. Quem mandou duvidar?”, a proposta foi trazer toda importância da ancestralidade negra e a manutenção das tradições. Já em 2014, voltam as homenagens aos grandes sambistas, o escolhido agora é Carlos Alberto Tobias, ou Seu Tobias, ou ainda Tuba, a ideia de homenageá-lo foi lembrar os 100 anos do Cordão Barra Funda, que viria a se tornar anos mais tarde na tradicional escola de samba Camisa Verde e Branco, o enredo recebeu o nome “Carlos Alberto Tobias, o baobá¹⁸ da Barra Funda”.

Seguindo homenageando personalidades da comunidade negra, em 2015 foi a vez de uma das figuras mais conhecidas do Brasil, seu nome Antonio Carlos Bernardo Gomes, conhecido como Mussum, o título do enredo era simples, mas bem representativo “Saudadis” uma vez que o sufixo “is” ao final das palavras era uma das marcas registradas desta personalidade, a proposta narrou a vida pobre, o amor ao samba e a sua querida Mangueira¹⁹, sem esquecer da imagem do Mussum como membro do grupo de samba Originais do Samba e como humorista, uma vez que ele fez parte do grupo “Os Trapalhões” que alegrava as noites de domingo na TV.

Em 2016 a escola trouxe aquele que viria a ser um de seus enredos mais simbólicos, seria a primeira vez que traria as mulheres como tema, e para isto decidiu recorrer às tradições do Candomblé, com o tema “Quilombo em festa no ritual das Yabás²⁰” é assim que ele foi definido por Praxedes “[...] a negritude contemplada nas forças femininas, na importância delas na dinastia africana e suas influências até os dias atuais. Seus elementos, suas ferramentas, suas cores, suas comidas e seus rituais”.

Este enredo foi um divisor de águas na escola, a presença feminina aumenta e se fortalece com a eleição e gestão (2017-2018) da primeira (e única, até então) mulher presidente

¹⁸ Baobá, considerada a árvore mais longeva do mundo, podendo existir por milênios. É considerada um símbolo da cultura africana.

¹⁹ Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, 20 vezes campeã do carnaval carioca.

²⁰ Nome utilizado para se referir às Orixás mulheres.

da escola, Angélica Mazzi. Para ela, o enredo de 2016, sobre as Yabás, “foi um marco na escola por trazer pela primeira vez um enredo com personagens femininas”²¹.

Em 2017, a G.R.E.S. Quilombo decidiu homenagear sua madrinha, a escola de samba carioca Império Serrano, que estava completando 70 anos. A proposta homenageava a escola através de grandes nomes que por lá passaram, como Silas de Oliveira, Mano Décio, Dona Ivone Lara, Roberto Ribeiro, Jovelina Pérola Negra entre outros, exaltando a escola de Madureira²², também como berço do jongo²³, e uma agremiação que não deixou sua africanidade esquecida nos enredos e composições, o título da homenagem era “Império Serrano, 70 anos de glórias”.

Já em 2018, a homenagem foi o cantor que narrou o dia a dia dos morros cariocas de forma singular, o título do enredo “Bezerra da Silva, a semente do meu quintal”.

Sobre morros no mundo do samba, destaca-se:

No universo do samba, termo usado como conotação de “favela”. O fenômeno das favelas nascidas e expandidas em área planas é relativamente novo no Rio de Janeiro. A topografia da capital fluminense é pontuada de elevações, aí compreendidos os maciços, serras e morros, como o histórico morro da Favela, que deu nome a um tipo específico de aglomeração urbana (LOPES; SIMAS, 2021, p. 189).

O enredo de 2019, “A senzala continua – 130 anos depois (o dia seguinte)” que trata do racismo presente no Brasil, será tratado em um tópico próprio abaixo. O último desfile pré-pandemia, em 2020, teve como homenageado Ogum, orixá patrono da escola, o título “Ogum! A guerra em busca de paz”. Sobre este orixá:

Ogum, em ioruba, significa luta, guerra. É a divindade da metalurgia, do ferro e do aço, da caça e dos caçadores, dos grandes caminhos. É o dono das armas, senhor dos exércitos, das guerras, da pujança e da força do sangue que corre em nossas veias e, por isso, forja o ferro e o transforma em instrumento de luta — sua espada [...] Na África, Ogum é considerado o mais famoso defensor das causas humanas, o grande protetor dos viajantes e andarilhos das estradas, protegendo-os das emboscadas, dos ataques súbitos, dos assaltos, acidentes e tocaias traiçoeiras (ROCHA, 2001, p. 14-15).

²¹ Entrevista dada ao pesquisador em 03/06/2022.

²² Bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

²³ Dança de origem africana.

Na G.R.E.S. Quilombo os enredos são de exaltação, representatividade e resistência da cultura negra por meios de pessoas, religiões ou entidades. Como a escola não disputa títulos não tem necessidade de fazer um enredo patrocinado²⁴ e fugir de suas raízes e princípios, que é de preservar e reverenciar a cultura negra em sua mais ampla dimensão.

A Quilombo não é um bloco de carnaval, por isto, sua estrutura de desfile é a de uma escola de samba, com comissão de frente, mestre sala e porta bandeira, cabrochas²⁵, baianas, bateria, ala das crianças e demais componentes da escola. Como ela não disputa carnaval, existe a possibilidade de a pessoa acabar de chegar na escola e desfilar. O importante nos desfiles é a alegria do componente representando a agremiação. A fantasia é a camiseta daquele ano, geralmente vendida a um preço simbólico, bem diferente dos altíssimos preços das fantasias das escolas de samba que disputam carnaval.

3 “A SENZALA CONTINUA – 130 ANOS DEPOIS (O DIA SEGUINTE)”

Em 2019, a G.R.E.S. Quilombo, a partir do tema “A senzala continua - 130 anos depois (o dia seguinte)”, decidiu narrar criticamente o racismo estrutural e institucional presentes na sociedade brasileira, sobre o conceito de racismo estrutural, Silvio Almeida diz:

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do momento “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra não exceção (2018, p. 38).

É do mesmo autor conceito de racismo institucional:

Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios a partir da raça (ALMEIDA, 2018, p. 29).

Para esta abordagem, a escola de samba usou, em seu enredo, várias fontes importantes sobre escravização, Lei Áurea e a falta de uma reparação aos negros escravizados, então “libertos” por uma lei, mas não incluídos na sociedade como cidadãos. Apenas estes pontos seriam suficientes para uma discussão racial na estrutura da formação da sociedade brasileira. Mas foi a prisão de Marcelo Dias, Mestre Sala²⁶ da escola, educador social, responsável pela Organização não Governamental (ONG) Novos Herdeiros Humanísticos que atendia crianças

²⁴ Não é objeto de estudo desta pesquisa fazer uma crítica aos enredos patrocinados, que é quando uma empresa, pessoa ou cidade paga para ter sua história contada, nem às escolas de samba que os fazem.

²⁵ “Termo com que outrora se designava a pastora da escola de samba” (LOPES, SIMAS, 2021, p. 51).

²⁶ “Juntamente com a Porta-Bandeira, forma o casal de dançarinos que na escola de samba é encarregado de conduzir o pa vilhão que a simboliza” (LOPES, SIMAS, 2021, p. 185).

na região onde a escola de samba ensaiava, que fora preso injustamente acusado de tráfico de drogas e ficou preso por 180 dias, que motivou a escola a trazer para o carnaval daquele ano esta abordagem.

Marcelo Dias conseguiu a liberdade e, posteriormente, foi inocentado após juntar provas, testemunhas, além de seu caso ter sido observado por inúmeras redes e instituições de Direitos Humanos.

Para Thiago Praxedes, um dos fundadores da escola e que participou da escolha do enredo de 2019, o tema se fez necessário por inúmeros fatores:

pensamos em um tema abrangente a situação que surgiu ‘O dia seguinte’, alusão à Lei Áurea e seu processo desastroso de ‘libertação’ e não inclusão de negros e mestiços até então escravizados, jogados ao ‘léo’ como marginais o que impacta drasticamente em todos os gráficos da nossa sociedade como um todo. E o Marcelo foi inocentado e esteve conosco no desfile, retratando o negro, pobre, alvo a todo momento e que luta por uma sociedade onde o negro seja reconhecido e valorizado²⁷.

A sociedade brasileira pós 13 de maio de 1888 passou por várias situações de dúvidas, como o medo de novas escravizações, o processo de inserção dos negros “ex-escravizados” nos trabalhos remunerados até então ocupados por brancos nacionais ou imigrantes (e alguns poucos negros e negras), enfim, o negro “recém-liberto” não era considerado cidadão pelas leis da época do Brasil Império, como se destaca no trecho do livro *Brasil: Uma biografia*, sobre o pós Lei Áurea:

Se ela significou um ponto final no sistema escravocrata, não priorizou uma política social de inclusão desses grupos, os quais tinham poucas chances de competir em igualdade de condições com demais trabalhadores [...] a impressão era a de que seria preciso apagar o “passado negro” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 342, grifos das autoras).

O que se pode entender é que, mesmo após a abolição, as classes dominantes mantiveram seus privilégios. No Brasil arcaico, foram preservados os instrumentos de dominação, prestígio e exploração. Além disso, o moderno foi absorvido pelas forças dinâmicas do imperialismo que também antecede a abolição.

Em uma passagem do samba-enredo de 2019²⁸, os questionamentos sobre a situação da população negra pós-abolição se relaciona com a atualidade, onde os casos de racismos estão presentes diariamente na vida da população negra, seja de forma estrutural, institucional, tardio

²⁷ Entrevista dada ao pesquisador em 08/06/2022.

²⁸ Autores do samba: Pedrinho Batucada, Cássio de Oliveira, Tio Zebu, Tuca Maia e Douglas Xará.

ou pleno (MOURA, 2019) ou de forma recreativa (MOREIRA, 2020), a letra diz: “Ó senhora branca, não és mãe da liberdade / pois justiça não é caridade e a igualdade ainda não raiou / o pelourinho, o tronco, o feitor... ontem escravo na senzala, hoje livre para a dor”.

O que aconteceu com Marcelo Dias não é um caso isolado, então, é relevante que as artes também retratem esta luta contra uma sociedade que prega a hegemonia branca e hierarquizada, onde na base da pirâmide encontram-se todos os não brancos, em sua maioria. O reconhecimento do engajamento na luta contra o racismo faz parte de um processo pessoal e, ao mesmo tempo, político, social e coletivo, onde todos somos atores na luta antirracista.

Esta resistência é que a G.R.E.S. Quilombo faz questão de narrar a cada ano, a cada escolha de enredo, para que não esqueçamos das lutas dos ancestrais e principalmente preparar a nova geração de “quilombolas” para uma sociedade mais justa, porém, deve-se continuar resistindo, para que a história não seja contada apenas do ponto de vista da classe hegemônica, o que a autora nigeriana Chimamanda Adichie alerta como o perigo de uma história única:

[...] quando saí da Nigéria para fazer faculdade nos Estados Unidos. Eu tinha dezenove anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu respondi que a língua oficial da Nigéria era o inglês. Também perguntou se podia ouvir o que chamou de minha “música tribal”, e ficou decepcionada quando mostrei minha fita da Mariah Carey. Ela também presumiu que eu não sabia como usar um fogão. O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. [...] Naquela história única não havia a possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira.; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (ADICHIE, 2019, p. 16-17).

Reproduzo aqui um trecho do enredo da escola de samba de 2019, bastante relevante para o contexto deste artigo:

O G.R.E.S. Quilombo carrega o legado da luta pela libertação do negro e faz de seus camavais verdadeira manifestação cultural em defesa de seu povo. Somos herdeiros dos guerreiros e guerreiras cujas ideias atravessam o tempo e pulsam em cada verso da nossa agremiação. Somos mais uma força na quebra cotidiana dos grilhões, resgate da autoestima, resistência, protesto, poesia e arte, dança. Estamos em comunhão com os irmãos que lutam por um Dia de Graça em cada alvorecer.

De cá o que é nosso, senhor! Quilombo vem para devolver ao negro o seu lutar de rei! Livre para viver, para ser quem quiser ser, para sonhar, para fazer carnaval! Reafirmaremos nossa negritude nos espaços que são nosso por direito! Ocupe negro!

O G.R.E.S. Quilombo traz seu grito de guerra e reúne seus mocambos em defesa da raça negra brasileira. Não seremos os primeiros nem os últimos a colocar na rua um carnaval de luta pela real libertação. As feridas da chibata ainda ardem mas o dia seguinte, negros, somos nós que vamos contruir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, nesta pesquisa, apresentar um pouco da história da G.R.E.S. Quilombo, por intermédio de suas influências, sejam elas no samba como na escola fundada por Candeia, como também pelo dia a dia da população negra, representada nas ações e em seus carnavais. Resistir aos racismos, reverenciar a ancestralidade e exaltar a cultura negra no carnaval paulistano fazem da escola de samba um lugar fundamental para a representatividade da cultura afrodescendente.

A comunidade se encontra nas rodas de samba feita pela escola para lembrar os grandes nomes do samba, assim, não deixando que suas obras sejam esquecidas. E sobre estas rodas desamba, destaca-se:

No caso do Quilombo, a roda de samba é vista como uma atividade de suma importância que ocorre mensalmente, mas também antes dos ensaios para o carnaval. É ela que abre, e que muitas vezes, fecha os eventos da Escola. É um momento de encontro da comunidade, mas também da formação. São cantados antigos sambas de terreiro de escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de antigos sambas-enredo, levados em um andamento mais lento, e partido alto. Não há microfones, e quase nenhuma amplificação. [...] Outra função importante da roda é o fato de que em muitas situações é ela a convidada para representar o Quilombo em atividades externas (AMADO, 2019, p. 32).

A escola verde e branco da zona sul, localizada na região do bairro da Saúde, em seus 15 anos se fez presente no carnaval paulistano como um espaço de acolhimento da tradição do samba, do carnaval e da cultura negra, representada em sua comunidade, com seus enredos e sambas-enredos. Acredita-se que seu trabalho social com os mais jovens resultará na formação de uma nova geração de sambistas, dispostos a manter e propagar as tradições afrodescendentes na sociedade a partir do carnaval paulistano nos próximos anos.

5 ANEXO 1

Letra do samba: “A senzala continua - 130 anos depois (o dia seguinte)” (2019)

Compositores: Pedrinho Batucada, Cássio de Oliveira, Tuca Maia e Zebu.

NEGRO, DA TUA PELE AINDA EMANAM AS CHAGAS DOS SEUS ANCESTRAIS
 NEGRO, QUE AS CHAGAS SE TRANSFORMEM EM FORÇA
 MEMÓRIA QUE SE FAZ PRESENTE, DOS TANTOS QUE TOMBARAM POR TI
 Ó SENHORA BRANCA, NÃO ÉS MÃE DA LIBERDADE
 POIS JUSTIÇA NÃO É CARIDADE
 E A IGUALDADE AINDA NÃO RAIU
 O PELOURINHO, O TRONCO, O FEITOR...
 ONTEM ESCRAVO NA SENZALA, HOJE LIVRE PARA DOR
 OS CONFINS, A VIELA, O PORÃO...
 GIRA A RODA DO TEMPO, MAS NÃO MUDA A CONDIÇÃO

**QUEM NÃO VEM LÁ DE LUANDA, NÃO PODE TE DAR VALOR
 DA SUA ARTE QUER ROUBAR ATÉ A COR
 PRA VENCER ESSA BATALHA, CLAME AO SEU ORIXÁ
 POIS MANDINGA É ESPANTO PARA QUEM NÃO SABE AMAR**

CHEGOU A HORA...”LEVANTA NEGRO”. VÁ BUSCAR O QUE É SEU
 SINTA-SE ZUMBI, SINTA DANDARA
 FACE A FACE TU ENCARAS
 QUEM INSISTE EM TE JULGAR
 VISTA O VERDE E BRANCO QUILOMBOLA
 E ESCREVA SUA HISTÓRIA PARA ALÉM DO CARNAVAL
 VEM VER, TODOS MOCAMBOS EM FESTA
 O NOSSO GRITO DE ALERTA QUE HOJE VAI ECOAR
 VEM VER, O POVO NEGRO IRMANADO
 NUM DIA DE GRAÇA QUE JÁ VAI RAIAR

**ABARÁ, AMALÁ E ACARAJÉ
 SAMBURÁ, CANGERÊ, BATUCAJÉ
 CAXANGÁ, JONGO E SAMBA NO PÉ
 CAXAMBU, CAPOEIRA E CANDOMBLÉ
 (SÃO DO NEGRO)**

6 ANEXO 2

Pavilhão da G.R.E.S. Quilombo

As cores e a coroa são homenagens à sua madrinha, a escola de samba Império Serrano do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimananda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AMADO, Diego Gomes. **Dois tetos para todos os sambistas: o GRANES e o GRES Quilombo**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas) – Faculdade de Conchas, São Paulo, 2019.
- CANDEIA; ISNARD. **Escola de Samba, árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lidador/SEEC-RJ, 1978.
- CARDOSO, Ciro F.; VAINHAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CUÍCA, Osvadinho da; DOMINGUES, André. **Batuqueiros da Paulicéia**. São Paulo: Bracarolla, 2009.
- FERREIRA, Emerson Porto. **Sou da Negritude o Fruto e a Raiz: Os Sambas Afro-Brasileiros da Nenê de Vila Matilde**. Rio de Janeiro: Rico, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz A. **Dicionário da História Social do Samba**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- NOGUEIRA, Silas; SOUZA MARIA, André Felipe B. de. O vínculo mítico e o humano. O Egbé e aspectos da resistência e do conhecimento na luta antirracista no Brasil. *In*: NOGUEIRA, Silas; SOUZA, Wlaumir D. (Orgs.). **Cultura e diversidade na resistência ao retrocesso: aspectos de degradação e agravamento de crises na sociedade brasileira contemporânea**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 151-184.
- ROCHA, Marlúcia M. Ogum. **Revista Kâwé**, Ilhéus, n. 2, p. 14-16, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- TREECE, David. **Candeia, o projeto Quilombo e a militância antirracista nos anos 1970**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 70, p. 166-188, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i70p166-188>. Acesso em: 26 mar. 2022.